

Associação Premissa Açores cria trilho artístico nas Flores para preservar o património cultural e unir a comunidade local e estrangeira

O 'Mapping Flores - Percursos Artísticos', projecto criado pela associação juvenil Premissa Açores, é um trilho interactivo concebido para preservar o património cultural e artístico na ilha das Flores. O percurso de 3 km em torno das Lajes das Flores inclui 'Caixas de Tesouro Artístico' com QR codes que dão acesso a histórias e conteúdos multimédia inspirados nas memórias e tradições da comunidade local. Nesta entrevista, a coordenadora do projecto, Clara Luleich, explica que a ideia surgiu após uma visita às Flores em 2023, quando percebeu que história cultural da ilha era pouco acessível aos seus visitantes. Além disso, a jovem alemã, residente em São Miguel há quatro anos, notou que existia uma grande distância entre as comunidades local e estrangeira e explica que criar uma ligação entre estes dois grupos através da arte e da memória colectiva da ilha foi uma das suas grandes motivações. Neste momento, o grupo já está a preparar uma segunda edição e quer continuar a levar o 'Mapping' a outras ilhas do Arquipélago.

Correio dos Açores - Qual é o conceito por detrás do "Mapping"? Como surgiu a ideia e o que os motivou a desenvolver este projecto?

Clara Luleich (coordenadora do projecto Mapping Flores) - O projecto 'Mapping Flores - Percursos Artísticos' é uma iniciativa da Premissa Açores, uma associação juvenil sediada em Ponta Delgada. A nossa associação organiza projectos comunitários, principalmente em São Miguel, mas também noutras ilhas. O Mapping consistiu em criar um percurso artístico imersivo centrado no património cultural da Ilha das Flores. Reúne geocaching, instalações artísticas, workshops comunitários e contadores de histórias, oferecendo uma plataforma para a expressão artística e promovendo o orgulho e a coesão da comunidade. O projecto também procura mostrar as diversas influências culturais das Flores, proporcionando aos visitantes uma forma interactiva de se conectarem com a história da ilha.

A ideia surgiu da minha própria experiência, do facto de ter sentido falta de meios acessíveis para chegar ao saber e ao conhecimento da comunidade local num sítio tão isolado. Percebi que as Flores têm muito para oferecer - uma multiplicidade de histórias, tradições e sabedoria - e quis criar algo que trouxesse essa riqueza à luz, não só para os visitantes, mas também para os próprios residentes.

Por que razão escolheu a Ilha das Flores para este projecto?

Escolhi as Flores para desenvolver o 'Mapping' porque, durante uma visita em 2023, trabalhei num projecto que ligava artes visuais e dança e tive a oportunidade de conhecer uma comunidade local incrível. Senti-me inspirada por estas pessoas e queria colaborar mais. Ao mesmo tempo, notei que havia uma grande distância entre a comunidade local e a comunidade estrangeira. Foi sobretudo isso que me motivou a criar um projecto que aproximasse estes grupos, garantindo que todos - sejam recém-chegados ou residentes de longa data - se sentissem representados e incluídos.

Como se formou a equipa responsável pelo projecto? Pode-nos falar um pouco sobre si e sobre o grupo, a diversidade de nacionalidades e percursos profissionais, e como foi feita a selecção dos seus membros?

A equipa foi formada de um modo muito pouco convencional. Em vez de criar o projecto primeiro e só depois procurar pessoas para preencher os papéis necessários, comecei com um grupo de amigos cujas competências e interesses sempre admirei. Embora a maioria de nós nunca tivesse trabalhado em conjunto, confiava neles e sabia que eram excelentes nas suas áreas. O meu objectivo era conceber um projecto que estivesse alinhado com os seus talentos e paixões de forma a que se sentissem representados.

O núcleo da equipa é composto por seis membros com idades entre os 27 e os 38 anos, oriundos de várias nacionalidades e áreas profissionais, incluindo Portugal (continente e Açores), Estados Unidos, Brasil, Inglaterra e Alemanha. Cada membro trouxe competências únicas, e esta diversidade de conhecimentos

influenciou directamente a estrutura do projecto, o que resultou num crescimento e num dinamismo que eu não esperava. Além do núcleo da equipa, colaborámos com três artistas e um guia local das Flores, bem como com um artista sonoro e uma curadora de workshops da Terceira, que também moldaram a nossa dinâmica. Tudo isto resultou numa das colaborações mais gratificantes que já vivi.

Com que percepção ficaram da comunidade local e do ambiente que encontraram nas Flores?

A comunidade de recém-chegados às Flores mostrou-se muito acessível e aberta a iniciativas culturais. Receberam o projecto com entusiasmo, com famílias incríveis a oferecerem apoio e colaboração. Envolver a comunidade local foi a parte mais desafiante, o que é perfeitamente compreensível. Afinal, quem não ficaria céptico perante um grupo maioritariamente estrangeiro que chega à ilha para falar sobre património cultural? É uma reacção natural. Contudo, através de entrevistas a residentes locais e workshops realizados em parceria com o ATL, a Santa Casa da Misericórdia das Lajes das Flores e o Serviço de Desenvolvimento Agrário das Flores, conseguimos fazer óptimos progressos. Esforços estes que marcaram a importância de representar o património cultural e marcaram um grande passo no sentido de envolver a comunidade de uma forma mais profunda.

Queria deixar um agradecimento especial à Gabriela Silva, que foi uma força incrível nas Flores. Para além de ser uma escritora talentosa, é uma especialista nata em 'networking', tem uma capacidade incrível para unir pessoas e criar laços fortes na comunidade. As suas contribuições para o panorama cultural das Flores têm sido inestimáveis e posso afirmar que a Gabriela é uma figura essencial na promoção do intercâmbio cultural e da colaboração na ilha.

Durante o processo de criação do trilho, entrevistaram várias pessoas da ilha. Para si, quais foram as histórias mais marcantes? Pode partilhar alguma(s)?

Uma das minhas partes favoritas foi o relato de Gabriela Silva sobre a sua infância nas Flores em que ela partilhou memórias muito vívidas de como funcionavam os casamentos, os trajes, a educação e as infra-estruturas na sua juventude. A sua história pintou um quadro fascinante de como era a vida na ilha antigamente.

Dito isto, penso que cada membro da equipa tem as suas histórias favoritas, pois cada conversa com os locais deu-nos uma perspectiva única sobre o património cultural das Flores, e ouvir pontos de vista tão diferentes foi muito enriquecedor para todos nós.

Para quem estiver interessado, recomendamos que sigam as nossas redes sociais para acompanhar as entrevistas. Em alternativa, podem visitar as Flores, onde as entrevistas estão integradas no percurso artístico.

Quais foram os maiores desafios que enfrentaram ao longo do projecto?

Um dos maiores desafios do nosso projecto foi abordar e envolver a comunidade local. Construir confiança exige tempo, e a nossa maior limitação foi, provavelmente, não termos podido passar períodos mais consistentes e prolongados na ilha. Estivemos nas Flores durante duas semanas para o projecto, e eu também fiz uma visita de uma semana no início do ano, mas não senti que foi suficiente.

Embora tenhamos feito todos os esforços com aquilo que nos foi possível, fica sempre a sensação de que mais tempo nos teria permitido estabelecer uma conexão maior com as pessoas, demonstrar a nossa seriedade e melhor servir os interesses da comunidade. A consistência é essencial para fomentar relações significativas, e, com mais tempo, este aspecto teria sido muito mais fácil de alcançar.

Para quem não conhece, pode descrever como funciona o trilha? Como é que as histórias dos florentinos foram incorporadas neste percurso artístico?

O percurso é uma rota artística de 3 km em torno das Lajes das Flores, que combina performances, instalações

artísticas e experiências digitais numa caminhada interactiva e multifacetada. Ao longo do caminho, os visitantes encontram "Caixas de Tesouro Artístico" com QR codes que levam a conteúdos multimédia, como podcasts e histórias visuais. Estes elementos digitais são directamente inspirados nas histórias locais recolhidas em workshops e entrevistas - é sobretudo uma ligação rica e pessoal ao património cultural das Flores.

No dia da exposição, o percurso ganhou vida com visitas guiadas, performances ao vivo e instalações artísticas que complementam os conteúdos digitais e as caças ao tesouro. Esta atmosfera imersiva e colaborativa permite que os visitantes experienciem as narrativas culturais em tempo real, aprofundando o seu envolvimento com a arte e o ambiente.

Mesmo após o dia da exposição, o percurso permanece acessível num formato digital. Os QR codes nas "Caixas de Tesouro Artístico" preservam as histórias locais e os elementos artísticos em versão digital, e os visitantes podem explorar o percurso de forma independente a qualquer momento. Este design integrado garante que o percurso continue a oferecer uma ligação à cultura das Flores, combinando a interacção ao vivo com a permanência da narração digital. Ou seja, é uma experiência permanente.

Para si, qual foi a parte mais gratificante do projecto? Houve algum momento ou experiência que a tenha marcado especialmente?

Para mim, a parte mais gratificante foi ver as pessoas que me acompanharam genuinamente felizes - testemunhar o seu trabalho e esforço a ganhar vida no dia da exposição. Poder proporcionar um trabalho que não só foi recompensador e enriquecedor para elas, mas que também teve um impacto significativo foi algo muito especial. Ver o orgulho que sentiram nos seus contributos e o envolvimento da comunidade com as suas criações foi uma experiência inesquecível.

Planeia expandir o "Mapping" para outras ilhas do arquipélago?

Sim, discutimos isso com a equipa e queremos muito criar uma segunda edição. Já iniciámos os primeiros estágios de planeamento e estamos entusiasmados com a possibilidade de expandir o projecto para outras ilhas.

Qual a importância de iniciativas como esta para a preservação do património cultural local? Que tipo de apoios receberam? De que forma o "Mapping" pode influenciar o turismo cultural na ilha das Flores, e o que esperam que os visitantes levem desta experiência?

Iniciativas como esta têm um papel muito importante na preservação do património cultural local porque celebram e dão destaque às vozes, histórias e tradições de uma comunidade que, de outra forma, provavelmente passariam despercebidas. Ao integrar estes elementos num formato criativo e interactivo, projectos como o "Mapping" levam a que o património cultural não só seja preservado, mas também activamente partilhado de uma forma que cativa tanto os locais como os visitantes.

Normalmente, os turistas visitam as Flores para explorar a sua beleza natural de tirar o fôlego, mas acredito que é igualmente importante descobrir as pessoas incríveis que aqui vivem. De modo geral, os Açores não são vistos como um destino para experiências culturais ou sociais, mas espero que o "Mapping" surpreenda alguns visitantes e ajude a mudar essa percepção.

Vejo o percurso como mais do que uma atracção turística e gostava muito que se tornasse um recurso para a comunidade local - um espaço onde escolas, grupos de ATL e famílias possam regressar para aprender sobre a sua história e celebrar os membros da sua comunidade que criaram arte ao contar as suas histórias.

Recebemos um apoio extraordinário de vários parceiros e organizações, sem os quais este projecto não teria sido possível. Entre eles, destacam-se a Câmara Municipal das Lajes das Flores, Gabriela Silva, o ATL local, a Santa Casa da Misericórdia das Lajes das Flores, o Serviço de Desenvolvimento Agrário, a Associação 37.25,

o Moot Movement Lab, A Costela de Lilith e a DG Artes - Arte e Coesão Territorial. As suas contribuições - financeiras, logísticas, artísticas ou através da participação comunitária - foram essenciais para dar vida a este projecto.

Qual é a principal lição que retira da sua experiência nas Flores, e como planeia aplicá-la a projectos futuros?

A principal lição que retiramos é sobre a importância de construir um projecto em torno de pessoas apaixonadas por aquilo que fazem, ajustando o conceito às suas competências em vez de as forçar a seguir um modelo pré-definido.

Também percebemos o valor de passar mais tempo com a comunidade e de mostrar consistência para conquistar a sua confiança. Num local tão remoto como a ilha das Flores, as pessoas geralmente carregam consigo tanto os seus papéis do dia-a-dia como uma profunda sabedoria cultural, e isso mostra a importância de trabalhar de perto com os locais e deixar que a sua participação molde o projecto - uma lição que queremos levar para iniciativas futuras.

Como já mencionei, estamos a planear uma segunda edição do "Mapping" e ficamos muito felizes por poder partilhar aquilo que estamos a fazer. Por isso, se estiverem curiosos, podem acompanhar todos os nossos projectos em curso no Facebook e no Instagram, em @premissa_acores.

Daniela Canha

Correio dos Açores

Director: Américo Natalino Viveiros

Director-Adjunto: Santos Narciso

Sub-Director: João Paz

